

Pesquisa Nacional do Aborto 2016 - Nota de Imprensa

Em 4 de dezembro de 2016, foram divulgados pelo programa Fantástico os dados da Pesquisa Nacional do Aborto 2016 (PNA 2016), realizada pela Anis - Instituto de Bioética e Universidade de Brasília (UnB).

O estudo de 2016 é a segunda edição e segue a mesma metodologia da Pesquisa Nacional do Aborto de 2010, também realizada pela Anis e UnB. A PNA 2010 recebeu o prêmio Fred L. Soper 2012, oferecido pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), um dos mais importantes prêmios da pesquisa em saúde no mundo.

A PNA 2016 contou com financiamento do Ministério da Saúde e do Fundo de Investimento Social ELAS. A coleta de dados foi realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - IBOPE Inteligência. Os coordenadores da pesquisa foram Debora Diniz (UnB/Anis/Fiocruz), Marcelo Medeiros (UnB/Ipea) e Alberto Madeiro (UEPI/Anis).

O principal resultado da PNA 2016 é que uma em cada cinco mulheres aos 40 anos já fez, pelo menos, um aborto no Brasil. Em 2015, foram 417 mil mulheres no Brasil urbano, e 503 mil mulheres ao se incluir zona rural e mulheres não alfabetizadas. Assim, meio milhão de mulheres fez aborto em 2015 no Brasil. São pelo menos 1.300 mulheres por dia, 57 por hora, quase uma mulher por minuto.

Considerando toda a população feminina entre 18 e 39 anos no Brasil, 4,7 milhões de mulheres já fizeram aborto ao menos uma vez na vida. O perfil da mulher que aborta é comum: 67% têm filhos, 88% declaram ter religião, sendo que 56% são católicas, 25% evangélicas ou protestantes e

7% professam outras religiões. Isso significa que 2,6 milhões de mulheres católicas já fizeram aborto ao longo da vida no Brasil.

A PNA 2016 também revelou que o aborto é um evento comum da vida reprodutiva de mulheres de todas as classes sociais e níveis educacionais, mas as mulheres negras e indígenas, com menor escolaridade, e que vivem no Norte, Nordeste e Centro-Oeste apresentaram taxas de aborto mais altas.

Como a pesquisa foi feita

O IBOPE - Inteligência, a partir de metodologia elaborada pelos coordenadores da pesquisa, entrevistou 2.002 mulheres de cidades do Brasil urbano. O número de mulheres entrevistadas é baseado em um cálculo de amostra que seja representativo da população de mulheres da faixa etária selecionada, entre 18 e 39 anos, urbanas e alfabetizadas. Foram utilizados dois métodos combinados de coleta de dados: a técnica de urna e a entrevista com roteiro pré-estabelecido.

A técnica de urna é um método de pesquisa que garante sigilo e anonimato para quem participa. Cada mulher entrevistada recebeu uma cédula com 5 perguntas. Sozinha, ela respondeu às perguntas e depositou a cédula na urna lacrada. Foi na cédula que as mulheres responderam às perguntas sobre já ter feito, ou não, um aborto.

Após a mulher responder à cédula secreta, a entrevistadora lhe fazia perguntas gerais sobre perfil, de acordo com o roteiro pré-estabelecido. Cada cédula secreta depois pôde ser relacionada às respostas do roteiro de cada mulher, por um código em comum. O sigilo e confidencialidade dos

dados são mantidos, porque nenhum dos questionários identifica quem é a mulher.

Os dados da PNA 2016 são representativos das práticas de aborto das mulheres brasileiras devido à sua construção metodológica: as mulheres entrevistadas foram aleatoriamente selecionadas em uma amostra representativa de mulheres urbanas alfabetizadas de todos os municípios do Brasil.

A pesquisa revela que o aborto é uma questão urgente de direitos humanos no Brasil, em particular de saúde pública. Meio milhão de mulheres em 2015 arriscou a vida e a segurança para realizar, ilegalmente, um aborto. Há tanto aborto no Brasil que é possível dizer que em praticamente todas as famílias do país alguém já fez um aborto -- uma avó, tia, prima, mãe, irmã ou filha, ainda que em segredo. Todos conhecemos uma mulher que já fez aborto.